

# La Voix

**GRATIS**

Volume 01, Número 02

Paris, 15 de setembro de 2015

## **Nesta edição:**

**Reunião abre processo eleitoral**

**Itália possui novo nobre: Barão de La Spezia**

**Instituições Religiosas em queda, iniciativa popular em alta**

**Grupo Micronacionalismo é palco de brigas e atos ditatoriais.**

**Ninguém é uma ilha: Príncipes Autóctones e Analfabetos Políticos**



## Reunião abre processo eleitoral

Exatamente aos dois minutos do dia 15 de setembro o Lorde Protetor de Reunião, D. Glauco de Petroburgo e Murta-Ribeiro, publica uma Ordenação Gloriosa convocando o processo eleitoral a fim de renovar a Assembleia Popular de Qualícatos (APQ). O processo inicia no próprio dia 15 com o devido cadastro dos súditos para a votação e culmina no período do dia 27 de setembro até o dia 30 de setembro onde teremos a conclusão do pleito.

## Itália possui novo nobre: Barão de La Spezia

No último dia 6, SMR o Rei Francesco III, conferiu o título nobiliárquico de Barão de La Spezia para o súdito italiano Césare Borgia, patriarca da Família Bórgia. O Reino da Itália entrou em festa no dia da titulação e fontes contaram ao Journal La Voix que o Duque de Ávola foi visto bêbado com 4 mulheres (uma loira, uma ruiva, uma morena e uma anã) entrando em uma taverna. Apenas 3 saíram pela manhã, a anã nunca mais foi vista.





## Instituições Religiosas em queda, iniciativa popular em alta

A Mesquita Islâmica Beit Salam com sede na cidade de Le Havre parece ter mais atividade de não-muçulmanos do que dos praticantes da religião. Há especulações que alguns membros precisaram viajar para outros territórios para ajudar os imigrantes islâmicos no continente europeu.

A crise religiosa não atinge apenas ao Islã, Dom Osvaldo de Lopez y Loroña, Arcebispo de Paris, não é visto em terras francesas há um tempo, não sabemos se o arcebispo se afogou no Rio Sena (*la Seine*) ou se fugiu com algumas peças de ouro confeccionadas pela Corte Francesa para a catedral. Diga-se de passagem, a Catedral de Santa Joana D’Arc, por não celebrar missas constantemente, tem sido assediada por uma empresa de filmes. A Lumière Films deseja gravar uma nova série intitulada: “*Dracula est vivant*” (Drácula está vivo). O Sr. Raphaell du Lioncourt também foi visto nas redondezas, rezou a liturgia das horas em plena meia-noite junto com alguns amigos, não sabemos se o ato foi puramente religioso ou se foi apenas para esperar passar a insônia.





Nadando contra a maré de religiosos sem compromisso com suas responsabilidades está a iniciativa de SMR o Rei Fernando II Orleans-Umbrio e do Exmo. Júlio César Bórgia, que esquentaram a Comunidade Cristã Micronacional em terras francesas. O Governador de Treviso também iniciou uma bela discussão na Confraria Espírita, recém aberta em Paris. Hoje em dia Deus é louvado no micronacionalismo muito mais pelo povo do que por religiosos destinados para tal!

## **Grupo Micronacionalismo é palco de brigas e atos ditatoriais**

Recentemente uma discussão abalou o grupo micronacionalismo no facebook. Inicialmente parecia um post simples, Zanza publicava a notícia de ajuda à Iguazu utilizando do bom humorado cartoon. O uso dessa linguagem incomodou um dos administradores do grupo, o Sr. Lucas Baqueiro que de forma sutil chamou os novos micronacionalistas de retardados. Em seguida, SMR o Rei Edward de Nova Inglaterra retribuiu o elogio dado por Baqueiro também o chamando de retardado e ainda conferindo o título de “Múmia do Micronacionalismo”. O Príncipe Soberano de Zanza, Adriano I, também se defendeu dos ataques destilando outros insultos. De imediato, Baqueiro excluiu Edward do grupo o que, na visão de algumas fontes ouvidas pelo Journal La Voix, foi uma atitude ditatorial. Procurado pelo Journal, SMR Edward disse: “- Quem não aguenta bebe leite”, não entendemos muito bem mas resolvemos publicar mesmo assim.





# Ninguém é uma ilha: Príncipes Autóctones e Analfabetos Políticos

Por Fernando Henrique Cardozo Silva

Anos atrás, mais exatamente em 2007, tive o privilégio de submeter algumas reflexões ao portal “Micropatriologia”(<https://micropatriologia.wordpress.com/2007/01/16/artigo-memoria-e-poder/>), uma revista científica aplicada ao universo das micronações. Era, sem sombra de dúvida, a única referência em matéria de apreensão acadêmica do micronacionalismo naquela época e suas contribuições continuam a ser válidas, especialmente em um momento de obscurantismo como o atual. Tenho, portanto, enorme satisfação em ter contribuído com um breve exercício intelectual naquela publicação.

Passado esse tempo de ostracismo acadêmico, gostaria de compartilhar alguns pensamentos, especialmente a respeito do exercício contemporâneo do micronacionalismo. Não busco, de modo algum, fazer-me de Cânon e listar as heresias existentes. Pelo contrário, desejo apenas iluminar algumas lacunas do nosso cotidiano.

Cada indivíduo tem uma percepção muito particular do micronacionalismo e sua prática é reflexo de diversos aspectos que compõe sua estrutura intelectual. Mesmo que trabalhemos com o termo “lúdico”, “entretenimento” ou “hobby”, diferente de outras atividades recreativas, o micronacionalismo é essencialmente uma prática intelectual, em virtude dos conhecimentos mobilizados por cada pessoa na sua experiência





diária. E, neste caso, a Ciência Política é a principal especialidade. À medida que alarga-se o envolvimento das pessoas, a diversidade de entendimentos enriquece o cotidiano e isso sempre repercute sobre o micronacionalismo, como um “efeito borboleta” de pequenas proporções.

Há um fenômeno majoritário. O micronacionalismo atual segue a ótica de um maquiavelismo às avessas. Neste, o “Príncipe” não é resultado de um processo de construção, histórica e política, em que se alcança a Fortuna pelo exercício habilidoso da Virtù. Isto é, não se racionalizam elementos adquiridos e natos para que um indivíduo se constitua em liderança em qualquer um dos aglomerados humanos que chamamos de micronação. Ocorre o inverso desse processo, há o ímpeto de constituir-se em “Príncipe” de forma autóctone e a-histórica, portanto, individualizada e unipessoal. Por vezes, com nítidas carências acadêmicas para instrumentalizar o conhecimento necessário para o desenvolvimento de uma comunidade sociopolítica, a raiz do micronacionalismo.

Projetos unipessoais de micronação constroem projetos coletivos. São fruto do fetiche, do oportunismo, do acaso, da criatividade, da inteligência, e sua reprodução serve de fundamento para os ideólogos do “verdadeiro micronacionalismo”. Não cabe, neste artigo, traçar a fronteira moral entre qualquer uma dessas duas dimensões, pois há diferentes matizes de desempenho em ambas.

Mas não se pode negar, por outro lado, ao fato que o micronacionalismo unipessoal pulveriza o elemento humano, dispersando-o em situações que dificilmente superam a margem do esvaziamento social.





O desgaste e a indisponibilidade do Fundador, a força do assédio moral imposto pelo imperialismo e a própria especificidade do projeto (geralmente reproduções dos modelos existentes) fracassam diante das dificuldades que surgem e frustram os potentados autóctones. “Brincar de rei” tem um preço alto e quem paga são os demais, pois um elemento de alta produtividade, que poderia somar-se ao establishment, abandona o universo carregando o gosto amargo do fracasso.

Empreguei a expressão “brincar de rei”, pois há muitos fenômenos associados aos “Príncipes” autóctones. A superficialidade das referências intelectuais é o mais latente, sendo este onde o fetichismo do poder se nota à primeira vista. A micronação é completamente alienígena em relação ao contexto no qual busca se inserir. E não me refiro apenas aos elementos objetivos, como o aparato cultural que será usado como elemento de identificação nacional, mas, sobretudo, aos modelos micropatriológicos que pela experiência longeva se afirmaram como referências. A história e a História são ferramentas fundamentais no micronacionalismo e não há como serem olvidadas sob a pecha do “tudo é lícito” na realidade virtual.

Outro aspecto que adiciono a lista é o romantismo. O século XIX, cronologicamente falando, já terminou, mas há um desejo sobressaltado na visão dos autóctones considerados nesta reflexão de legitimarem seus feudos sob este viés. Assim denomino pelo excesso de idealização empregado, literalmente devaneio, como se a existência de uma micronação fosse um fato em si mesmo, não dependendo de qualquer outro elemento como a plausibilidade do aparato simbólico e jurídico construído ou a razoabilidade de existir enquanto comunidade. Em outras palavras, são iniciativas politicamente analfabetas em decorrência







da ausência de um processo político, mesmo quando congregam um pequeno número de membros.

Este último ponto, onde a livre iniciativa do indivíduo e o seu engajamento em favor do projeto, descentralizando a tomada de decisão, é visto como um elemento essencial no micronacionalismo vincula-se ao que verifico ser o terceiro ponto com o qual encerro minha análise. A nacionalidade simulada na Internet, pelos mecanismos de comunicação empregados para a construção do tecido social e preservação do projeto, é relacionada com o perfil do indivíduo. É pouco provável que o micronacionalismo seja palatável a alguém que não se familiarize com os elementos inerentes a sua prática, porém, na mesma medida, verificamos a presença crescente de pessoas receosas à exposição pública que ocorre no exercício da cidadania.

Membros espectadores serão o que haverá no interior de uma comunidade elaborada pelo “Príncipe” autóctone. Para estes integrantes, que nos casos conhecidos dificilmente superaram um número muito limitado, o ambiente criado pelo micronacionalismo é estranho. Há pouca identificação com o projeto e o vínculo nacional é perpassado por afetividades com o Fundador. Qualquer oscilação no campo das relações interpessoais pode inviabilizar a capacidade da micronação existir ou então divergências ideológicas tornam-se divergências pessoais, esvaziando ainda mais o projeto dos elementos inerentes de uma sociedade civil. Além, é claro, do ônus no campo da intimidade. O micronacionalismo é um espaço de aprendizado e construção coletiva, onde não há a presença do Professor. Mesmo as figuras canônicas representam apenas uma parcela das várias possibilidades de exercício nesse universo.







Não há uma referência que esgote a discussão sobre o que vem a ser o micronacionalismo, ou modelos objetivos que pacifiquem as divergências.

Todo micronacionalista é autodidata em uma série de campos, mas não pode se deixar valer apenas da conjectura como parâmetro de construção de uma micronação, nem pode acreditar que seja possível abdicar à existência de um coletivo social politizado para se manter um projeto micronacional. Já dizia Raymond Aron que nenhum ser humano é uma ilha no oceano. Então, por que haveríamos de sê-lo no micronacionalismo?

## Edição nº 2

**Editor-chefe:** Raphaell du Lioncourt – Reino da França

**Contato:** [lavoixdeparis.journal@gmail.com](mailto:lavoixdeparis.journal@gmail.com)

**Site:** <http://lavoixjournal.wordpress.com/>

